UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00894649 3

Sousa Pinto, Manoel de
Portugal e as portuguezas
em Tirso de Molina

PQ
6436
S68

MANOEL DE SOUSA PINTO

Portugal e as portuguezas

EM

TIRSO DE MOLINA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS-LISBOA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
1914

LIVRARIA ACADÉMICA
J. Guedes da Silva
R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone 25988 — PORTO
LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

PORTUGAL E AS PORTUGUEZAS

EM

TIRSO DE MOLINA

Do auctor:

A UNICA VERDADE (drama)
O MONUMENTO A EÇA DE QUEIROZ
TERRA MOÇA. *Impressões brasileiras*
Á HORA DO CORREIO. *Phantasia e Chronica*
FEMINARIO
DOM JOÃO DE CASTRO (1500-1548)
A MASCARA (12 numeros)
O GOMIL DOS NOIVADOS
EVANIDADE
MAGAS E HISTRIÕES

MANOEL DE SOUSA PINTO

Portugal e as portuguezas

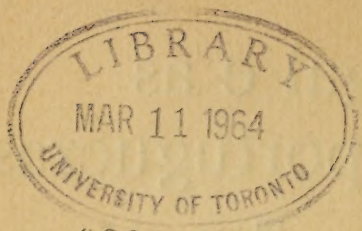
EM

TIRSO DE MOLINA

(Conferencia lida pelo auctor na recita classica do Theatro Nacional Almeida Garrett em Maio de 1914)

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS-LISBOA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
1914

PQ
6436
S68



886139

Para garantia do auctor e dos editores, todos os exemplares levam nesta pagina a divisa do auctor:

A

Manuel Monteiro

Minhas Senhoras e Meus Senhores!

Convidado, ha pouco mais de duas semanas, para collaborar na recita chamada classica, que, em obediencia a uma disposição da lei que o rege, o Theatro Nacional Almeida Garrett deve annualmente levar a effeito, começarei por agradecer ao illustre presidente do seu Conselho de Gerencia, e meu amigo, Dr. Augusto de Castro, a subida distincção com que quiz honrar-me, e por pedir ás pessoas que vão ter a amabilidade de me escutar um pouco de benevolencia para o desalinho e precipitação de que o meu trabalho, feito a correr, ha-de fatalmente resentir-se.

Para este trabalho, permittiu-se-me a mais ampla liberdade quanto á escolha do thema. Eram-me, por conseguinte, licitos todos os assumptos, desde que não perdesse de vista

a circumstancia de se tratar d'um espectaculo classico.

Nessas condições, e sem de modo nenhum carecer de forçar o caracter d'esta proveitosa noite d'arte antiga, pareceu-me que não seria de todo desinteressante alludir, na parte que diz respeito aos portuguezes, á obra de um dos mais admiraveis classicos da litteratura dramatica do visinho reino.

Esse classico admiravel chama-se Tirso de Molina.

E Tirso de Molina, meus senhores, foi o auctor hespanhol que mais vezes, e com maior ternura, se referiu a Portugal, como espero demonstrar no decurso d'esta minha ligeira palestra!

E Tirso de Molina é, minhas senhoras, o poeta estrangeiro em cujas obras, com maior enthusiasmo, constancia e gentileza se cantam as portuguezas!

Apezar de nascido numa terra em que a belleza das mulheres não teme, sequer, o confronto com as louçanias da *huerta* valenciana ou com a frescura dos *carmens* grana-

dinos, Tirso de Molina, em muitas e importantes passagens do seu valiosissimo theatro, jámais se cansa de exaltar a formosura das portuguezas, de applaudir-lhes a lealdade briosa, e de frisar o seu ciumento, nobre e honesto modo d'amar.

Era tal a sua devoção por ellas que — prova de extrema admiração! — escolheu, d'entre todas as suas heroinas, uma portugueza, a encantadora Seraphina de *El Vergonzoso en palacio,* para collocar em seus labios o elogio da arte do theatro, segundo os novos canones liberrimos com que Lope de Vega a emancipara da classica rigidez greco-romana.

Lope de Vega, Tirso de Molina, Calderon de la Barca! Eis, por ordem de nascimentos, a trindade gloriosa que deu vida immortal ao esplendido theatro do periodo que, para a Hespanha, se convencionou chamar «o seculo d'oiro»!

Esse «seculo d'oiro» vae, como decerto

não ignoram, desde meiados do seculo XVI até á segunda metade do seculo XVII, e, assim como na pastoral é o portuguez Jorge de Montemor quem o inicia com a sua *Diana,* para o theatro pode dizer-se que «o seculo d'oiro» hespanhol se inaugura com a obra d'outro portuguez, Gil Vicente, protelando-se, já um tanto decadente, até á morte de Calderon, succedida em 1681.

Graças aos tres nomes que ha pouco citei, e a alguns dos muitos satellites que em sua orbita gravitaram, floresce, feracissima, essa immensa seara de comedias e autos sacramentaes que, depois da maravilhosa civilisação theatral da Grecia, era, e a certos respeitos ficou sendo, a mais original, a mais rica, a mais brilhante, de todo o theatro europeu. Messe tão farta e suggestionadora, que, forrageada, saqueada, invadida, ha tres seculos, por dramaturgos e comediographos das mais diversas nacionalidades, ainda se não exgottou nem ameaça extinguir-se, tendo, por exemplo, fornecido á França a ma-

teria-prima de uma grande parte das suas obras theatraes mais perfeitas.

Dos tres genios, contemporaneos e sobremodo creadores e fecundos, que a essa verdadeira renascença presidiram, Lope de Vega foi, no seu tempo, o mais acclamado e o mais representado, quer na Hespanha, quer em Portugal, onde a Primeira Parte das suas comedias se imprimiu. Calderon de la Barca tem sido, modernamente, o mais apreciado: guindaram-no a alturas inverosimeis os romanticos allemães, em cuja escola poderosamente influiu; adoraram-no os inglezes, pela bocca de Shelley; Verlaine sobrepô-lo a Shakespeare; e do conceito em que os portuguezes o tiveram, di-lo, no seculo XVIII, o Marquez de Valença, D. Francisco de Portugal, no seu *Discurso apologetico em defensa do theatro hespanhol,* e ainda, em 1881, a monographia com que José Silvestre Ribeiro commemorou o segundo centenario da sua morte, ou a série de poesias em que Francisco Gomes de Amorim o glorificou. Com Tirso de Molina, mostrou-se a posteri-

dade mais ingrata, pois só nos ultimos annos se começou a descobrir o seu altissimo merito.

Tirso de Molina não terá a grandeza e a elevação do austero Calderon de *El Alcalde de Zalamea,* de *El Mágico prodigioso* ou de *La Vida es sueño.* Não egualará em fertilidade esse «Phenix dos engenhos», Lope de Vega, a quem se deve a libertação do theatro moderno de todas as peias classicas. Mas nem Calderon, nem Lope de Vega, nem o elegante Moreto, nem o correctissimo Juan Ruíz de Alarcón, nem o auctor do *García del Castañar,* Francisco de Rojas Zorrilla, se lhe avantajam na graça das situações, no pittoresco da linguagem, na variedade dos enredos, e, principalmente, no assombroso poder de colorido.

Em algumas das suas obras, como *La Devocion de la Cruz,* Calderon revela-se um esculptor de pulso, erguendo inteiriças figuras de pedra. Lope de Vega denuncia-se como um cinzelador fascinante, que parece umas vezes lavrar em prata, e noutras plas-

mar em barro. Tirso de Molina, porém, é, quasi sempre, um pintor como poucos, com a penna, tem havido.

Dentro do theatro hespanhol, Menéndez y Pelayo considera-o, não só o primeiro dos seus auctores comicos, mas ainda como o primeiro na creação de caracteres, e varias das suas peças, algumas de uma ousadia que ainda mal se compadece com a scena moderna, como *La Venganza de Tamar,* baseada num biblico episodio incestuoso, dão, mais uma vez, toda a razão ao critico eminente.

Ao lado, porém, dos caracteres masculos ou varonis de um D. João Tenorio, de um D. Pedro, o Justiceiro, do *Infanzon de Illescas,* do Paulo de *El Condenado por desconfiado,* outros caracteres mais numerosos, e talvez mais seductores, nos deixou Tirso em obras tão assignalaveis como *La Prudencia en la mujer, Marta la piadosa, Don Gil de las Calzas Verdes,* que a fascinante Rosario Pino o anno passado representou no Republica, *El Vergonzoso en palacio,* ou *El Amor médico.*

Esses caracteres salientam-se pela doçura, pelo ardiloso ou pela voluntariedade; excepcionalmente pela bravura, como em *Antona García.*

Ardilosos, doces ou voluntariosos, estão vendo que elles nunca poderiam ser masculinos. Quem, na vida, sóe proceder voluntariosa, ardilosa ou docemente, é a mulher.

Como muito bem o viu um dos mais recentes historiadores da litteratura hespanhola, o francez Ernest Merimée, professor da Universidade de Tolosa, são mulheres «as verdadeiras protagonistas» do theatro de Tirso de Molina.

E poucos creadores de typos femininos haverá, cuja galeria se possa, com vantagem, approximar da d'elle; a não ser, um seculo mais tarde, esse seu legitimo irmão pelo colorido, e, outrosim, grande perlustrador do feminino, que foi Goldoni.

Tirso de Molina não se amesquinha com a visinhança do proprio Shakespeare, que, no dizer do mesmo eruditissimo Menéndez

y Pelayo, não tem obra alguma em que supplante a figura grandiosa de D. Maria de Molina do tirsiano primor *La Prudencia en la mujer.*

Sobre a excellencia das figuras de mulher ideadas por Tirso de Molina, parece-me opportuno citar uma opinião expendida por John Ruskin relativamente ás heroinas de Shakespeare. Vem no seu livro *Sesamo e os Lyrios:*

«Reparemos, antes de mais, em que não «ha nenhum heroe em Shakespeare; só nos «apresenta heroinas. Em todas as suas «obras, não existe uma figura de homem «inteiramente heroica, excepto o ligeiro «apontamento de Henrique V, exaggerado «pelas necessidades scenicas, e o mais li«geiro ainda de Valentim nos *Dois fidalgos «de Verona.* Nas suas obras mais trabalha«das e perfeitas, não encontrareis um unico «heroe. Othello poderia ser um d'elles, se «a sua simplicidade não chegasse ao ex«tremo de se tornar joguete de todas as

«baixas machinações que o rodeiam: ape-
«zar do que, é o unico exemplo que se avi-
«sinha do typo heroico. A energia de Co-
«riolano, Cezar e Antonio quebranta-se, e,
«ainda que por momentos se sustenham,
«abatem-nos as suas vaidades; Hamlet é
«um indolente e deixa-se adormecer medi-
«tando; Romeu é um joven impaciente; o
«Mercador de Veneza submette-se langui-
«damente á fortuna adversa; Kent, no *Rei*
«*Lear,* tem um coração nobre, mas dema-
«siado rude e grosseiro para ser verdadei-
«ramente util nos momentos criticos, e
«desce ao nivel de um simples creado. Or-
«lando, não menos nobre, é tambem, pela
«sua desesperança, victima do azar, em que
«o acompanha, alenta e redime Rosalinda.
«Ao passo que difficilmente se encontrará
«uma obra de Shakespeare onde não appa-
«reça a mulher perfeita, firme numa grave
«esperança e num designio infallivel: Cor-
«delia, Desdemona, Izabel, Hermione, Imó-
«gena, a rainha Catharina, Perdita, Sylvia,
«Viola, Rosalinda, Helena, e, finalmente,

«Virgilia, talvez a mais amavel, são todas «sem mancha e foram concebidas d'accordo «com o mais alto typo heroico da humani- «dade.»

É curioso que Ruskin não menciona o mais acabado dos symbolos femininos de Shakespeare, a voluvel e irreal *Cressida* da sua ironica phantasia sobre a guerra de Troia: *Troilus e Cressida.*

Não negarei a belleza das figuras femininas de Shakespeare, inferiores, sem duvida, ás que os gregos crearam. Em seu confronto, no emtanto, as irresistiveis mulheres de Tirso nada perdem, como não perdem nada, quando confrontadas com as de Racine, a quem — convem não esquecê-lo! — devemos Berenice.

Numa feliz occorrencia, já Turguenieff celebrou o anno de 1604 como a data memoravel em que se imprimiram pela primeira vez o *Hamlet* e o *Dom Quixote,* a que elle chama «o anverso e o reverso da natureza humana», apontando mais a coincidencia de

Cervantes e Shakespeare terem morrido no mesmo dia: a 26 de Abril de 1616.

Entre Shakespeare e o auctor de que me occupo, não se dão — que eu saiba! — acasos tão symetricos, mas a *Portia* do *Mercador de Veneza* tem grande parentesco com algumas das verbosas heroinas de Tirso.

Essas insinuantes heroinas não são — devo, desde já, preveni-los! — heroinas no sentido magestosamente heroico ou sangrentamente tragico da palavra. Chorarão uma vez por outra, mas acabam, quasi sempre, sorrindo. Dão causa a muitos duellos, mas raro matam por suas mãos. Seriam capazes de morrer por seu amor, mas preferem, no geral, casar com elle. Vencem sempre, mas quasi nunca pelas armas: é pela astucia ou pela dedicação. Ganham algumas o céo pela virtude, mas a maioria limita-se a cumprir a virtude de amar, que é a melhor maneira de fazer o céo baixar á terra. O desejo de vingança pode cega-las, mas o que mais frequentemente as domina, é o ciume.

Sendo o dramaturgo das mulheres, Tirso é um subtil casuista do ciume, e tendo sido um panegyrista das portuguezas, foi o auctor que melhor fez avultar o ciume portuguez.

Para Tirso de Molina, a caracteristica mais essencial do amor lusitano é o ciume.

Na sua «comedia famosa» sobre *D. Beatriz da Silva,* a infanta de Portugal, D. Izabel, diz a certa altura:

> Doña Beatriz me ha quitado
> de mi esposo la mitad,
> que es el alma y voluntad;
> sólo el cuerpo me ha dejado.
> Si no me le restituye
> conocerá por su mal
> que celos de Portugal
> no es cuerda quien no los huye.

E, mais adeante, a mesma declara:

> Mi nacíon es muy celosa.

Noutra comedia, e uma das mais bellas, *El Amor médico,* cuja acção decorre em

grande parte na douta Coimbra, Tello, o «gracioso», previne seu amo D. Gaspar:

El recato portugués
con las mujeres, ya ves
que libertades enfrena.
El uso desto te avisa:
toda doncella de casa
no sale hasta que se casa,
ni aún los domingos, á misa.

E a protagonista d'essa mesma obra, a azougada Jeronyma, avisa o mesmo D. Gaspar:

Segunda vez, Don Gaspar,
en mi barrio y á estas puertas?
si en Castilla están abiertas,
dando ocasiones lugar
que logren sus intereses,
acá las cierra el honor,
porque del modo que amor
son los celos portugueses.

Poderia multiplicar á vontade as citações. Bastará, porém, alludir a outra das

comedias de Tirso inspiradas em assumpto portuguez.

Intitula-se essa comedia *Siempre ayuda la verdad.* Passa-se, em Lisboa, no reinado de D. Pedro I, e é das mais frisantes demonstrações do conceito que o auctor formava do ciume portuguez e da fidelidade e constancia das portuguezas no amor, a respeito do qual uma das suas personagens, Alberto Vator, irmão do rei da Polonia, confessa que:

> ..... fuera error
> tener, en cosas de amor,
> competidor portugués.

Para Tirso de Molina, de resto, amor e ciume são irmãos:

> Hicieron, Tello, los cielos
> dos amores: al mayor
> llaman comunmente amor,
> y al segundo llaman celos.

Ao que o escudeiro de D. Vasco da Cunha, que assim se exprime, replica com

a jocosidade habitual dos «graciosos» de Tirso:

Cuando niño, me contaba
mi madre que quiso hacer
hombres el diablo, por ver
si los del cielo imitaba,
y que le salieron monas;
con que temor me ponía
todas las veces que vía
querer imitar personas.
Y así dijeras mejor,
por la envídia y sus desvelos,
que no son amor los celos
sino monas del amor.

Não attingindo, de longe sequer, a pasmosa fecundidade de Lope de Vega, que, só comedias, parece ter composto mil e oitocentas, sem fallar nos autos e entremezes, Tirso de Molina produziu muito, e mais poderia ter produzido, se houvesse começado mais cedo.

Segundo declarações dignas de credito, teria escripto quatrocentas comedias, mas d'esse avultado numero conhecem-se hoje

apenas umas oitenta, o que o colloca, para o nosso julgamento, em manifesta inferioridade, não só com Lope de Vega, do qual chegaram até nós mais de quinhentas producções, mas tambem com Calderon, de quem resta para cima de uma centena de trabalhos.

Todavia, apezar de mais numerosas, são muito poucas as obras de Calderon e de Lope de Vega referentes a Portugal ou a portuguezes. Apontarei, do primeiro, *El Principe constante,* allusiva ao captiveiro do Infante Santo em Tanger, e, do segundo, *El Principe Perfecto,* passada, como o titulo o indica, no tempo de D. João II, e tendo por principal intriga os amores de D. João de Sousa — que Ticknor na sua *Historia da Litteratura Hespanhola* pretende ser D. João Manuel, um dos poetas do *Cancioneiro* de Garcia de Rezende — com a hespanhola D. Leonor, dama da princeza D. Izabel, mulher do mallogrado filho do monarcha, e depois de seu tio D. Manuel.

E' possivel, é mesmo provavel, que, quer

no theatro de Calderon, quer no de Lope de Vega, haja mais algumas comedias de assumpto portuguez. Por emquanto, porém, só d'essas se sabe, como se sabe das comedias *Reynar después de morir* de Luis Vélez de Guevara, cujo assumpto são os amores de D. Pedro e D. Ignez de Castro, *El Divino Portugués* de Juan Pérez de Montalban, que tem por heroe Santo Antonio, *Caer para levantar* de Jeronimo de Cancer, Agustin Moreto e do portuguez João de Mattos Fragoso, consagrada á lenda de S. Frei Gil, que Mira de Améscua tambem aproveitou em *El Esclavo del Demonio,* e da mais antiga *Troféa,* onde Bartolomé de Torres Naharro cantou os descobrimentos dos portuguezes.

Com Tirso de Molina, a colheita é mais abundante. No total de 86 comedias que o ultimo catalogo do seu theatro, publicado em 1907 por Cotarelo y Morí, lhe attribue, interessam a Portugal nada menos de onze. D'essas onze, sete passam-se em terras portuguezas, a saber: *El Vergonzoso en palacio, Siem-*

pre ayuda la verdad, Averigüelo Vargas, Las Quinas de Portugal, dois actos de *El Amor médico*, um acto de *Doña Beatris de Silva*, e varias scenas de *La Gallega Marí-Hernandez. Escarmiento para el cuerdo* é a dramatisação do conhecido episodio do naufragio de Sepulveda. *Antona García* allude á batalha de Toro, essa pequena Aljubarrota hespanhola. E nas duas restantes, que são *El Burlador de Sevilla y Convidado de piedra* e a segunda parte de *La Santa Juana*, ha importantes referencias a Portugal.

Tres d'essas comedias — *El Vergonzoso en palacio, El Burlador de Sevilla* e *El Amor médico* — figuram á frente das obras-primas de Tirso, e isso ainda mais augmenta o seu interesse.

Não seria tarefa facil, dentro dos acanhados limites de uma conferencia, e fatiga-los-hia demasiado, a permenorisada narração do entrecho de todas ellas. Limitar-me hei, por isso, a indica-lo summariamente, detendo-me, de fugida, numa que outra particularidade mais significativa.

O entrecho de *Siempre ayuda la verdad* gira em torno do amor de Don Vasco de Acuña y Portocarrero por Doña Blanca, a quem Tirso de Molina deu o titulo de Condessa de Ademira, o que, se não é um simples erro typographico, é, evidentemente, uma corrupção de Odemira.

Esta D. Branca tem uma prima, Doña Elena, que se apaixona por um estrangeiro, Roberto, principe da Polonia. Acontece que Roberto se namorou de Branca a primeira vez que a viu, e como só a ella mostra desejar, Helena, para o attrahir, faz-se passar por Branca, com grande desespero de D. Vasco, que pensa que a mulher que o rei lhe deu em casamento o atraiçoa. O rei, é, como já sabem, D. Pedro I, e apparece-nos dominado pela sua violenta sêde de justiça e pela incuravel saudade da sua Ignez, á qual a meudo invoca em sentidissimos versos. Informado, pelo escudeiro de D. Vasco, da supposta traição de Branca, encarrega-se, elle em pessoa, de vir, de noite, guardar-lhe a porta durante a ausencia do marido, que

vae partir para a guerra. Branca tem por tio o Condestavel do reino. Empenhado em defender a honra da sobrinha, o Condestavel vem tambem rondar-lhe a casa, e é das scenas mais caracteristicas da comedia o encontro nocturno d'elle com o rei. Estando ambos embuçados, não se podem conhecer. O Condestavel intima, por isso, o desconhecido a pôr-se em guarda. D. Pedro não se faz rogar, e, então o Condestavel reconhece-o immediatamente, pela maneira de saccar da espada. Fôra o primeiro mestre d'armas do rei!

Vendo depois, já sósinho, Helena, que elle continua a tomar por Branca, abrir a porta a Roberto, D. Pedro, indignado, não hesita, e castiga os dois com um dos seus famosos rasgos, matando-os a ambos e atirando os cadaveres para dentro do poço do jardim; em seguida ao que, monologa este inspirado soneto:

> Después que la infeliz estrella y astro
> con que nació mi amor, el blanco velo
> quiso que viese, como rosa en hielo,
> teñida en sangre á doña Iñes de Castro,

y un ángel retratado en alabastro
pedir venganza á mi abrasado celo,
que discurrió la tierra como el cielo
de cometa veloz fogoso rastro,
nunca tuve más penas, ni mayores
asombros, aunque puede la conciencia
mejor asegurarme la disculpa;
que á doña Iñes matáronla traidores,
á Blanca un Rey, con esta diferencia:
culpada Blanca, y doña Iñes sin culpa.

Persuadido de que matara Branca, D. Pedro treme quando a vê de novo na sua presença, para lhe pedir que mande ordem ao marido para regressar a Lisboa. D. Vasco não tarda em voltar, disposto a estrangular a esposa, que ainda crê culpada, agora de adulterio com o proprio rei. Tudo, porém, se esclarece entre elle e D. Pedro, que, fazendo esvasiar o poço do jardim da casa de D. Vasco, lhe mostra os cadaveres de Helena e Roberto, afinal amantes innocentes.

No primeiro acto d'esta comedia, o auctor mostra-se prodigo de elogios á belleza de

Lisboa e das damas portuguezas. Á promessa que D. Vasco da Cunha lhe faz:

no ha de haber dama en Lisboa
que esta tarde no véais.

responde Roberto:

Dos grandezas me enseñais
que todo el mundo las loa;
y el cielo, con mano franca,
hizo en tanta perfección.

E á pergunta que o rei lhe dirige:

Qué os parece la ciudad?

o mesmo estrangeiro replica:

Que aún es mayor que la fama
que por antigua la llama
su nobleza y calidad.
Desde el Tajo por la orilla
del mar tendido se ve
que viene a besarla el pie
de los montes de Castilla.

Mucho me alegré de ver
naves de tantas naciones;
mas, ¿ dónde hallaré razones
si quisera encarecer
de sus hidalgos las galas,
de sus damas la hermosura,
sin ponerme en aventura,
de Paris con Juno y Palas?

Devo accrescentar que *Siempre ayuda la verdad* foi incluida por Hartzenbusch entre as comedias de Juan Ruiz de Alarcón, ainda que admittindo para ella a collaboração de Tirso. João de Mattos Fragoso, refundiu-a, com o titulo de *Ver y crer*, e, reivindicada por Cotarelo y Morí como obra, em grande parte, de Tirso de Molina, deve ter sido composta por dois auctores, visto que, no fim, ao dirigirem-se ao publico, D. Vasco e D. Branca o fazem no plural.

Averigüelo Vargas foi um dito outrora popularisado em Hespanha. Segundo Cotarelo y Morí, teve origem nos tempos de Izabel a

Catholica, que, sempre que lhe communicavam qualquer delicto, mandava que inquirisse do caso o alcaide Don Francisco de Vargas: *averigüelo Vargas!*

Applicando a sentença a uma epocha anterior, Tirso de Molina faz decorrer a sua comedia em Portugal, durante a menoridade de D. Affonso V, ou seja durante a regencia de D. Pedro, o morto infeliz de Alfarrobeira.

Entram na peça, além do rei e do regente, os infantes D. Diniz e D. Duarte, a infanta D. Philippa, D. Affonso de Abrantes, prior do Crato, Ramiro, Sancha, etc.

Sancha e Ramiro são irmãos, e filhos naturaes do recemfallecido rei D. Duarte, que, á hora da morte, os confiou a seu irmão D. Pedro. D. Pedro resolve, por isso, fazer de Ramiro um cavalleiro, trazendo-o para a côrte, que está em Santarem. Apaixonada por elle, que ella não suspeita ser seu irmão, Sancha, arteira protagonista da comedia, aproveita as roupas de um anão que o Duque de Vizeu pretendia offerecer ao rei, e,

disfarçada com o nome de Vargas, introduz-se tambem no real palacio, onde todos começam a escolhe-la para confidente. E' o ciume, supremo factor das peças de Tirso, quem a move. Desde que viu D. Philippa, filha de D. Pedro, Ramiro sentiu-se rendido d'amor. Para contrariar esse amor, bem correspondido, Sancha recorre a varios estratagemas, que só dão finalmente em resultado vir ella a casar com D. Diniz, ao passo que Ramiro obtem a noiva desejada.

Ainda nesta obra, Tirso de Molina allude ao ciume portuguez, quando diz pela bocca de D. Pedro:

> ..... Es ansí,
> que todos nacen aquí
> tan celosos como amantes.

Já apontei *El Vergonzoso en palacio* como uma das obras-primas de Tirso, ao qual, claro está, não devemos estranhar as inexactidões historicas, que ainda hoje, no theatro, tão facilmente se perdôam.

El Vergonzoso en palacio foi, ha annos,

ouvido em Lisboa, nas recitas inolvidaveis da illustre Maria Guerrero.

A scena é em Aveiro e cercanias. Com o nome de Lauro, apresenta-nos Tirso o mesmo D. Pedro, Duque de Coimbra, que vimos na comedia anterior. Alterando a historia, suppõe o auctor que D. Affonso V mandara prender o tio, decidindo mata-lo. Na prisão, D. Pedro teve conhecimento d'essa tenção, e, fugindo para os montes, ahi vive, sem que ninguem desconfie da sua nobreza. D. Pedro tem um filho, Mireno, que criou sem lhe revelar a sua condição. No entanto, Mireno, sente-se differente dos pastores seus companheiros, e, ambicionando ser alguem, obtem, com o nome de D. Diniz, o logar de secretario do Duque d'Aveiro, por cuja filha, Seraphina, se apaixona. Mireno, ou D. Diniz, é timido e bisonho. Seraphina, pelo contrario, desenvolta e audaciosa. D'ahi resulta, como calculam, o melhor dos casamentos.

Seraphina tem um logar de destaque entre as mais graciosas heroinas de Tirso, que, no segundo acto, a faz apparecer com traje

masculino. O *travesti* é vulgar na comedia do tempo. Tirso usou d'elle frequentemente. E, na verdade, nada mais galante do que uma linda mulher que, vestida d'homem, mostra, melhor do que com saias, que o não é!

O facto de Seraphina mudar o sexo ás roupas, justifica-se pelo facto de ella ter de ensaiar uma peça intitulada *La Portuguesa cruel*. A proposito d'esse titulo, uma outra personagem commenta:

> En tí el poeta pensaba,
> cuando así la intituló.

E Seraphina contesta:

> Portuguesa soy; cruel no.

Foi Seraphina — uma portugueza! — a personagem que Tirso preferiu para porta-bandeira das suas doutrinas theatraes, e, ainda segundo o consciencioso investigador Cotarelo y Morí, a apologia que ella faz da comedia responde ás accusações com que o Pa-

dre Mariana fulminara a arte do theatro no seu livro *De spectaculis,* impresso em Colonia em 1609.

Esse caloroso elogio, muito digno de se pôr ao lado do elucidativo dialogo entre as figuras da *Curiosidade* e da *Comedia* com que Cervantes inicia a segunda jornada do seu *Rufian dichoso,* é como se segue:

SERAFINA: No me podrás tú juntar,
para los sentidos todos
los deleites que hay diversos,
como en la comedia.

JUANA: Calla.

SERAFINA: ¿Qué fiesta ó juego se halla,
que no le ofrezcan los versos?
En la comedia los ojos
¿no se deleitan y ven
mil cosas que hacen que estén
olvidados sus enojos?
La música, ¿no recrea
el oído, y el discreto
no gusta allí del conceto
y la traza que desea?
Para el alegre, ¿no hay risa?
Para el triste, ¿no hay tristeza?

¿ Para el agudo agudeza ?
Allí el necio, ¿ no se avisa ?
El ignorante, ¿ no sabe ?
No hay guerra para el valiente,
consejos para el prudente,
y autoridad para el grave ?
Moros hay, si quieres moros ;
si apetecen tus deseos
torneos, te hacen torneos ;
si toros, correrán toros.
¿ Quieres ver los epitetos
que de la comedia he hallado ?
De la vida es un traslado,
sustento de los discretos,
dama del entendimiento,
de los sentidos banquete,
de los gustos ramillete,
esfera del pensamiento,
olvido de los agravios,
manjar de diversos precios,
que mata de hambre á los necios
y satisface á los sabios.

La Gallega Marí-Hernandez passa-se na fronteira, em Chaves, em Monterey e no valle do Lima, durante o reinado de D. João II, de Portugal.

São portuguezas algumas das principaes personagens, como D. Alvaro de Athayde, Conde da Silveira, e D. Beatriz de Noronha, que, logo de principio, tenta apaziguar os ciumes de D. Alvaro com esta declaração:

> Soy portuguesa, y bien sabes
> que no ha habido en mi nacíon
> ninguna á quien los anales
> que afrentas imortalizan,
> puedan notar de inconstante.

A comedia abre com uma narração, feita por D. Alvaro, da decapitação do Duque de Bragança em Evora e da execução em effigie do Marquez de Montemor em Abrantes. Seu parente, teve D. Alvaro de fugir para a Galliza, onde o rei o não deixa em socego, até que se prova a perfidia dos accusadores, e D. Alvaro, restituido á sua dignidade, desposa a gallega Marí-Hernandez, que tivera artes de supplantar o amor de D. Beatriz, e a quem D. João II, em paga do seu valor, faz Condessa de Barcellos.

Da comedia *Escarmiento para el cuerdo,* já sabem que se baseia nas tragicas peripecias do naufragio de Manoel de Sousa de Sepulveda e sua mulher.

Quanto ás duas obras que Tirso de Molina deve ter consagrado á vida, morte e milagres de D. Beatriz da Silva, irmã, ou filha, do Conde de Portalegre, D. Diogo da Silva, apenas possuimos uma, a primeira, onde o auctor annuncia uma segunda parte.

Dama da infanta D. Izabel de Portugal, segunda mulher de D. João II de Castella, a heroina da comedia é essa que, nos seus esconjuros, a Branca Gil do *Velho da Horta* de Gil Vicente invoca nestes termos:

> Sancta Dona Beatriz
> da Silva, que sois aquella
> mais estrella que donzella,
> como todo o mundo diz!

A D. Beatriz da Silva attribue Diogo Manoel Ayres de Azevedo, no seu *Portugal*

illustrado pelo sexo feminino, a detestavel gloria de haver suggerido a D. Fernando, o Catholico, a instituição do primeiro tribunal da Inquisição. Foi uma das precursoras do culto da Immaculada, e a historia mariana deve lhe o ter fundado o primeiro convento de freiras da Conceição.

A comedia de Tirso interessa-nos, sobretudo, pela figura de D. Izabel, em quem o auctor pintou uma portugueza cruel pela força dos ciumes, que a arrastam á violencia de condemnar a perpetua reclusão num armario a virtuosa rival, só para que o monarcha, seu esposo, se não deixe fascinar pela sua belleza.

Felizmente, os santos, entre os quaes figura Santo Antonio, accodem a libertar a prisioneira.

Abundam em *Doña Beatriz de Silva* referencias ao caracter portuguez. D. Izabel declara ao esposo:

> Yo he heredado el ser cruel
> de mí nacíon, por exceso.

Verdade seja que esta crueldade não pode ser tomada muito á lettra, por só ter origem no ciume, que Tirso continua a considerar inseparavel das portuguezas:

> como en materia de amar
> son portugueses los celos.

ou ainda:

> Los celos mi paciencia han apurado;
> solicíta el poder, la injuria instiga
> á la venganza que el rigor profesa;
> que soy mujer celosa y portuguesa.

Num dos momentos em que o rei vem procura-la, estranha a solidão em que encontra D. Izabel; mas ella responde-lhe:

> Suspensa sí; no sola, que el que adora
> con sus deseos amistad profesa.
> En Vuestra Alteza el alma hablaba agora.

e o marido replica:

> Fineza, al fin, de amante portuguesa.
> Y de qué se trataba? Amor ó celos?

A proposito do temperamento apaixonado dos portuguezes, não devemos esquecer que Lope de Vega, fallando, na sua *Dorotea,* pela bocca de D. Fernando, afiança:

— *Tengo los ojos niños y portuguesa el alma; pero creed que quien no nace tierno de coraçón, bien puede ser poeta, pero no será dulce.*

Se valesse, para o nosso caso, citar um portuguez, poderia ainda apontar esta passagem da comedia de Jacintho Cordeiro *Lo que es privar,* notada por Theophilo Braga na sua *Historia do Theatro Portuguez:*

Notable amante fué Don Pedro,

diz Filea, depois de ouvir o romance de D. Ignez de Castro, e Mirona esclarece:

Fué, señora, Portugués,
mucho quieren, cuando quieren.

Melhor ainda diz D. Beatriz da Silva, de seu primo Pedro Pereira:

Es Pereira y mi pariente;
portugués en lo constante,

en lo airoso, en lo valiente,
y Portugués en lo amante.

No primeiro acto da comedia de que lhes fallava, assistimos á partida de D. Izabel, com suas damas, para Hespanha, e das fallas do «gracioso» da peça, Melgar, infere-se que Tirso conhecia razoavelmente Lisboa, que de novo exalta, chamando-lhe «inclita cidade», «ramalhete do prazer», etc.

A despedida de Melgar a Lisboa é a seguinte:

Adiós, seboso Babel,
Castillo, Plaza, Rua Nova,
Palacio, San Gian, Belén,
Cruz de Cataquefarás:
adiós, Chafariz do Rei,
bayeta, boas botas, luas,
blancos y negros también;
que voy á beber cerveza
por no olvidar el beber.

Repararam decerto no *seboso Babel!* Devo informa-los que *seboso* — que significa sebento ou ensebado — parece ter sido um qua-

lificativo vulgar em Hespanha, durante o seculo XVII, para tudo quanto se referia a Portugal ou aos portuguezes.

A origem de tal designação não sei qual fosse. Possivel se torna que tivesse principio em algum episodio das continuas luctas entre os dois povos.

D'outro modo, não vejo que relação possa haver entre Portugal e o sebo, que, de resto, figura ainda num dos nossos modos mais populares de terminar uma discussão.

No emtanto, não pode duvidar-se da popuridade do termo.

Melgar, como vimos, chama a Lisboa *seboso Babel*. Na *Gallega Mari-Hernandez,* a mesma palavra apparece repetida. E noutra comedia de Tirso, *El Amor médico,* ha preciosos elementos para o estudo d'esse pejorativo.

Empregando-o muitas vezes, Tello o «gracioso» d'esta ultima obra, não deixa margem a confusões:

> En Portugal todo es sebo
> hasta quedarse en pabilo,

todo *bota*, todo *lua*,
todo *fidalgo valente*,
pão mimoso, fava quente,
sardinha e manteiga crua.
No hay poderlos entender:
la olla llaman *panella*,
y á la ventana *janella*.
Para darme de comer,
dai cá, me dijo una vieja,
tijelas; yo, que entendí
tijeras, unas le dí;
y ella los guisados deja,
diciendo que, de Castilla,
un hombre la iba á matar

Informa-nos o mesmo Tello de que era moda, então, *hablar á lo seboso*, ou fosse fallar em portuguez; garantindo nos mais que:

... en nuestra tierra es fama
que en esta lengua una dama
tiene aire garabatoso.

D'estes versos, conclue-se que houve tempo em que, na Hespanha, se considerava engraçado, pelo menos, para as senhoras — tal é

o sentido de *garabatoso* — saber o portuguez, e isso prova o excellentemente D. Jeronyma, ao exprimir-se na nossa lingua com relativa desenvoltura.

D. Jeronyma é a protagonista de *El Amor médico,* e parece ter sido inspirada a Tirso de Molina pela figura real de D. Feliciana Enriquez de Guzman. Natural de Sevilha, esta D. Feliciana de Guzman notabilisou-se pelas suas aventuras escolares e amorosas, e, segundo Nicolau Antonio, foi auctora da tragi-comedia em duas partes, *Los Jardines y campos sabeos*, impressa pela primeira vez em Coimbra em 1624.

E' a Coimbra que a heroina de Tirso vem parar, seguindo um seu patricio toledano, D. Gaspar, que, preoccupado com a recordação d'outros amores infelizes, commettera a ousadia de estar hospedado em casa do irmão de D. Jeronyma, sem, uma só vez, ter procurado vê-la.

Não ser notada, é delicto que uma mu-

lher não perdôa, e por isso D. Jeronyma, muito versada na sciencia de Galeno, resolve transformar-se no Dr. Barbosa, e vir ensinar medicina na Universidade de Coimbra, onde a vemos, de capello e borla amarella, agradecer ao rei D. Manuel a cathedra que conquistara publicamente.

Além de se fazer passar por Dr. Barbosa, D. Jeronyma, para melhor alcançar o seu fim, que é casar com D. Gaspar, como no final succede, disfarça-se ainda numa supposta irmã d'aquelle, D. Martha, e como D. Martha só falla em portuguez.

Noutras comedias de Tirso, ha algumas palavras ou phrases portuguezas, mas em *El Amor médico* são em maior numero. Com ellas, Tirso de Molina manifestava conhecer um pouco a nossa lingua: não tanto, porém, que não erre os possessivos, escrevendo, por exemplo, *minhos* por meus.

Para lhes dar uma ideia do portuguez de Tirso de Molina, reproduzirei parte de uma scena entre a supposta D. Martha e D. Este-

phania, que, julgando o Dr. Barbosa um homem, anda louca por elle:

D. JERÓNIMA: ... *Desabafo comvosco.*
Ouvi-me agora um segredo:
A serdes vós sua terceira,
Eu vos prometo boa fé.
D. ESTEFANÍA: Yo su tercera?
D. JERÓNIMA: *Não é*
Isto ser alcobeteira.
D. ESTEFANÍA: Decid!
D. JERÓNIMA: *Dareis-lhes um bom dia,*
Porque lhe magoam cuidados
De dous olhos orbalhados
De feitiços e alegria.
D. ESTEFANÍA: Conózcola yo?
D. JERÓNIMA: *Pois não!*
D. ESTEFANÍA: Y está en casa?
D. JERÓNIMA: *Como rima!*
D. ESTEFANÍA: Es Doña Leonor, mi prima?
D. JERÓNIMA: *Por ella morre meu irmão.*
D. ESTEFANÍA: Por Doña Leonor? *(Aparte)* Ay cielos!
Y le ama Doña Leonor?
D. JERÓNIMA: *E' cavalleiro o doutor*
Dos Barbosas e Barcelos;
Bem pode...
D. ESTEFANÍA: Malograré
Su intento.

D. Jerónima: Tende *cuidado,*
Porque se já se hão casado,
Deus vos guarde, que feito é.
. . . . . .
. . . . . .

D. Estefanía: . . . . En casa, y su dama
Mi prima!

D. Jerónima: *Por vos servir,*
Fallaremos outro dia
De vagar, porque o doutor
Ou tem de ser de Leonor,
Ou de vossa senhoria.

Na «comedia famosa» de *Antona Garcia,* dramatisou Tirso alguns episodios, authenticos ou imaginarios, das luctas entre Portugal e Castella por causa da successão de Henrique IV. A obra termina com a tomada de Toro pelos hespanhoes, capitaneados por uma rival da nossa Brites d'Almeida: Antona Garcia.

A pequena Toro, onde o filho do derrotado Affonso V, o futuro D. João II, foi um vencedor compromettido, deu ás chronicas duas heroinas: a Marqueza de Vilhena,

D. Maria Sarmiento, partidaria dos direitos da Beltraneja, e a Antona Garcia de Tirso, tambem conhecida pela *Valentona,* alcunha esta de que não seria impossivel ter derivado o nosso modo de dizer levar as coisas «á valentona».

Em *Antona García,* tem um papel assaz sympathico o portuguez D. Lopo de Albuquerque, Conde de Penamacor, que, como

> Bien parece
> que es amor portugués,

se apaixona pela temivel labrega.

Ha nesta comedia uma situação atrevida, que recorda os grosseiros realismos de certo theatro medieval. Tão atrevida mesmo, que não sei como conta-la sem melindre. Imaginem que Antona Garcia, que, apezar de brigona, é formosa, e arranjou marido no primeiro acto, quando, no segundo, vae para cear á meza de uma estalagem, sente em si o doloroso aviso de que a sua raça se quer perpetuar. Retira-se, e, no intervallo de duas

scenas, entrega ao mundo uma menina, ficando tão fresca como se acabasse de beber um copo d'agua. Dentro em pouco, está ella prestando muita attenção a uma historia, e eis que a raça lhe manifesta nova, e identica, exigencia! Torna a ausentar-se por instantes, e d'ahi a nada vem ouvir a continuação da historia, depois de ter feito a vontade a uma segunda filha, de que, como veem, se ia esquecendo...

A segunda das tres comedias que Tirso consagrou a Santa Joanna da Cruz, principia por uma scena onde a eloquente pregadora nos surge acompanhada pelo seu anjo da guarda, que, em nome de Deus, lhe participa que vae mostrar-lhe «o fertil fructo que, nas Indias, a Hespanha tem dado ao céo».

Descobrem-se, então, dois nichos, cada um com sua estatua. No primeiro, vê-se Fernão Cortez, e no segundo, D. Affonso d'Albuquerque, ambos com um mundo aos pés.

O anjo faz um rasgado elogio de Albu-

querque, mas termina dizendo que «é chegado, para a Hespanha, o tempo dos castellos d'oiro se unirem com as sagradas quinas», e que convem que, «tendo os moiros dado ao céo um Sebastião, o Salomão segundo goze, com Portugal, um orbe cheio d'oiro».

Este Salomão segundo, cuja estatua apparece em seguida, foi, como presumem, o primeiro dos monarchas usurpadores.

Falta-me fallar de duas obras: *Las Quinas de Portugal* e *El Burlador de Sevilla y Convidado de piedra.*

As Quinas de Portugal expõem a historia da fundação da monarchia portugueza. Estiveram até ha muito pouco tempo ineditas, e assignala-as a circumstancia de terem sido a ultima comedia composta por Tirso de Molina. Havendo dedicado a Portugal tão amavel simpathia, Tirso quiz ainda dar-lhe, como auctor dramatico, as ultimas scintillações do seu extraordinario talento.

Las Quinas de Portugal foram escriptas em 1638, e mal adivinharia Tirso que, dois annos depois, ellas, de novo, altivamente tremulariam nos castellos portuguezes!

Entram na peça, além de D. Affonso Henriques, S. Geraldo, Egas Moniz, D. Leonor Coutinho, etc.

No primeiro acto, para não desdizer da indole amorosissima da sua futura nação, D. Affonso Henriques só cuida de distrahir-se, em caçadas, dos cuidados de namorado em que o traz uma tal D. Elvira Gualtar. D'essa leviandade o cura S. Geraldo, que apparece, estudando, numa gruta meio encantada: o que dá em resultado a conquista de Santarem, ao cabo da primeira jornada.

A segunda mostra-nos o fundador combatendo e officiando, com uma sobrepelliz por cima da armadura, bem como Egas Moniz disfarçado em mouro, para libertar sua futura mulher D. Leonor Coutinho do poder de um arabe, que a encerrara no castello de Palmella.

Para a terceira jornada, reservou Tirso a

batalha de Ourique, onde todos os portuguezes, inclusivé D. Leonor Coutinho, obram prodigios contra a mourama desbaratada.

Antes da batalha, dá-se a lendaria visão do Crucifixo. Na rubrica d'essa scena, Tirso manda que seja um menino quem faça de Christo. E é o proprio Christo quem, numa longa tirada, entrega a D. Affonso o primeiro estandarte com as victoriosas armas portuguezas.

Vão ouvir parte das, alliaz pouco divinas, palavras de Christo:

Las armas que á Lusitania
otorga mi amor propício,
en cinco escudos celestes
han de ser mis llagas cinco;
en forma de cruz se pongan,
y con ellas, en distinto
campo, los treinta dineros
con que el pueblo fementido
me compró al avaro ingrato,
que después, en otro siglo,
tu escudo, con el Algarbe,
se orlará con sus castillos.

Nesta altura, Christo, desprendendo a mão direita da cruz, entrega ao rei a bandeira, que um dos anjos lhe apresenta, e conclue:

Yo te las doy de mí mano,
Yo con mí sangre te animo,
Yo tu estandarte enarbolo,
Yo victorioso te afirmo.
Alfonso! al arma! debela
á un tiempo á alarbes y vicios.
Reinarás en Lusitania,
Y eterno después conmigo.

De *El Burlador de Sevilla,* sabem todos que, já pelo seu altissimo merito, já pelo numero, valor e celebridade das obras que suggeriu ou originou, é das peças mais famosas de toda a historia do theatro.

Pois, nessa obra-prima, conhecida, imitada, ou admirada em todos os tempos, modos e logares, ha a melhor das homenagens que Tirso prestou a Portugal.

Consiste essa homenagem no extenso e caloroso elogio que, logo na primeira jor-

nada, o embaixador de Affonso XI de Castella, Don Gonzalo de Ulloa, faz de Lisboa: elogio que representa um dos melhores documentos do gaudio dos hespanhoes ao sentirem-se senhores de Lisboa.

Na verdade, o facto de Lisboa ser provisoriamente encorporada nos dominios de Castella desencadeou na litteratura da visinha nação um arrebatado delirio de louvores.

Cervantes e Lope de Vega, para só citar grandes nomes, cantaram-na com eloquencia e, talvez, sinceridade.

Indo mais longe ainda, Tirso começa por dizer:

Es Lisboa una octava maravilla.

Comprehende-se bem todo esse excesso de metaphoras jubilosas. Á vista da castelhana capital, encravada no adusto amago da peninsula, sem mar que a prolongue, e com um simulacro de rio, o Manzanares, que nem sequer a refresca, Lisboa, airosa, desafogada, balsamica, ribeirinha do Atlantico, não tinha preço, nem rival.

Comparada com Lisboa, joia a cujos pés as ondas brincam, Madrid é uma pedra num descampado.

E, se bem os hespanhoes tivessem parte do Tejo, que em Aranjuez é ainda um regato mimoso, e em Toledo é já um rio trabalhador, não couberam em si de contentes quando puderam fruir passageiramente d'esse outro Tejo mais bello, que em Lisboa é quasi já um mar.

Só a sua extensão me força a não lhes ler agora essa descripção de Lisboa, (1) que, numa outra versão da mesma obra, intitulada *Tan largo me lo fiáis,* foi substituida pela descripção de Sevilha, naturalmente por a obra se destinar a um publico sevilhano.

De resto, Sevilha era, no seculo XVII, a unica cidade de Hespanha que, pela animação, pela belleza e pela riqueza, podia competir com Lisboa, cuja importancia historica, geographica e politica estava, alliaz, longe de desbancar.

---

(1) Ver o Appendice.

A proposito de Sevilha, ha ainda, na comedia em que Tirso deu pela primeira vez vida scenica ao immortal D. João Tenorio, uma passagem que muito interessa ao nosso caso.

Andando a passear, de noite, com o Marquez de la Mota, D. João pergunta-lhe:

Donde irémos?

Responde-lhe o Marquez:

Á Lisboa.

Cómo, si en Sevilla éstais?

replíca D. João.

E o Marquez elucida-o:

Pues, aqueso os maravilla?
No vive con gusto igual
lo peor de Portugal
en lo mejor de Castilla?

D'esta passagem, e do que se lhe segue, querem alguns commentadores deprehender

que, naquelle tempo, havia em Sevilha, cuja corrupção Cervantes tão bem pintou, muitas portuguezas que se entregavam ao commercio do amor; precisamente o que mais tarde succederia em Lisboa a muitas Conchas, Lolas e Pepas sevilhanas.

Não impugnarei tal opinião, que nada tem de inverosimil. Não seriam, porém, essas aventureiras faceis as que podiam ter dado a Tirso uma tão elevada ideia do amor portuguez...

Tirso de Molina — não me esquecerei de o dizer! — não se chamava assim. Tirso de Molina é, apenas, um pseudonymo.

Como Lope de Vega que, depois das mais galantes aventuras, se fez padre; como Calderon, que chegou a capellão-mór do rei, Tirso de Molina foi frade, e frade, a quanto o deixam suppor os graus de definidor e chronista que desempenhou, disciplinador e austero.

Chamava-se Fr. Gabriel Téllez, e escreveu a *Historia geral da ordem das Mercês.*

Alguns, estudando a sua obra, explicam o seu conhecimento da alma humana, e sobretudo da alma feminina, pela indiscreta pratica do confessionario. Esboçando a sua obscura biographia, admittem outros que tivesse estado em Lisboa, como Lope de Vega, que aqui veiu embarcar na Invencivel Armada, ou como esse outro seu compatriota, Fr. Luiz de Granada, cujas cinzas talvez ainda, alli em S. Domingos, me estejam ouvindo.

Para mim, é ponto de fé que Fr. Gabriel Téllez não só visitou Lisboa, como deve ter amado, aqui ou em Hespanha, alguma portugueza de excepcional fidelidade, que o conhecesse nessa epocha da mocidade, em que a mulher, que nos cabe em sorte, esculpe em nossa alma, em oiro virgem, ou em lava cruel, seraphim ou demonio, a imagem que, durante toda a vida, ficaremos formando da mulher.

Seja como fôr, dar-me-hia por satisfeito se, com este desconnexo trabalho, eu houvesse contribuido para ensinar ás portuguezas o nome d'esse poeta que tanto as celebrou.

Minhas senhoras e meus senhores, pedindo desculpa do enfado que talvez lhes causasse, não os fatigarei por mais tempo! Vou terminar.

Antes, porém, quero responder a uma interrogação que algum dos presentes pode estar fazendo a si proprio: por que razão ainda ninguem, mais auctorisado, lhes dissera o que eu acabo de referir-lhes?

Por que razão? Não sei.

Ou por outra, sei que este, como muitos outros assumptos de capital importancia para a historia da litteratura, só poderão ser sufficientemente tratados, no dia em que alguma das universidades portuguezas, saccudindo o bolor que desde a nascença as cobre, institua, como lhe compete, uma cadeira destinada ao estudo das obras dos muitos escriptores portuguezes que escreveram em hespanhol, e, bem assim, das obras hespanholas que interessam ou se referem a Portugal.

Até lá, teremos de contentar-nos com uma que outra revelação isolada de algum leitor mais generoso.

Tenhamos, no entanto, paciencia! E, conservando sempre á altura da lança heroica de Dom Quixote o escudo invencivel de Magriço, fortaleçamo-nos com a meditação d'este verso que, no seu *Príncipe constante,* o proprio Calderon não quiz escrever em hespanhol:

QUE, AINDA MORTOS, SOMOS PORTUGUEZES!

APPENDICE

DESCRIPÇÃO DE LISBOA

REY: ¿ Es buena tierra
Lisboa?
DON GONZALO: La mayor ciudad de España;
y si mandas que diga lo que he visto
de lo exterior y célebre, en un punto
en tu presencia te pondré un retrato.
REY: Yo gustaré de oíllo. Dadme silla.
DON GONZALO: Es Lisboa una otava maravilla.
De las entrañas de España,
que son las tierras de Cuenca,
nace el caudaloso Tajo,
que media España atraviesa.
Entra en el mar Oceano,
en las sagradas riberas
de esta ciudad, por la parte
del Sur; mas antes que pierda
su curso y su claro nombre,
hace un puerto entre dos sierras,
donde están de todo el orbe
barcas, naves, carabelas.
Hay galeras y saetias

tantas, que desde la tierra
parece una gran ciudad
adonde Neptuno reina.
A la parte del Poniente
guardan del puerto dos fuerzas
de Cascaes y de *San Gian,* (1)
las más fuertes de la tierra.
Está, desta gran ciudad,
poco más de media legua,
Belén, convento del santo
conocido por la piedra
y por el léon de guarda,
donde los reyes y reinas
católicos y cristianos
tienen sus casas perpetuas.
Luego esta máquina insigne,
desde Alcántara comienza
un gran legua á tenderse
al convento de Jabregas.
En medio está el valle hermoso
coronado de tres cuestas,
que quedara corto Apeles
cuando pintarlas quisiera.
Porque, miradas de lejos,

---

(1) Vão em italico as palavras que entendi corrigir na edição de Américo Castro, adeante indicada.

parecen piñas de perlas
que están pendientes del cielo,
en cuya grandeza inmensa
se ven diez Romas cifradas
en conventos y en iglesias,
en edificios y calles,
en solares y encomiendas,
en las letras y en las armas,
en la justicia tan recta,
y en una Misericordia
que está honrando su ribera
y pudiera honrar á España
y aun enseñar á tenerla.
Y en lo que yo más alabo
desta máquina soberbia,
es que del mismo castillo,
en distancia de seis leguas,
se ven sesenta lugares
que llega el mar á sus puertas,
uno de los cuales es
el convento de *Odivelas,*
en el cual vi por mis ojos
seiscientas y treinta celdas,
y entre monjas y beatas
pasan de mil y doscientas.
Tiene desde allí á Lisboa,
en distancia muy pequeña,
mil y ciento y treinta quintas,

que en nuestra provincia Bética
llaman cortijos, y todas
con sus huertos y alamedas.
En medio de la ciudad,
hay una plaza soberbia
que se llama del *Rocio,*
grande, hermosa y bien dispuesta,
que habrá cien años y aun más
que el mar bañaba su arena,
y ahora della á la mar
hay treinta mil casas hechas,
que, perdiendo el mar su curso,
se tendió á partes diversas.
Tiene una calle que llaman
Rua Nova ó calle Nueva,
donde se cifra el Oriente
en grandezas y riquezas,
tanto, que el Rey me contó
que hay un mercader en ella
que, por no poder contarlo,
mide el dinero á fanegas.
El terrero, donde tiene
Portugal su casa regia
tiene infinitos navíos,
varados siempre en la tierra
de sólo cebada y trigo
de Francia y Inglaterra.
Pues el Palacio Real,

que el Tajo sus manos besa,
es edificio de Ulises,
que basta para grandeza,
de quien toma la ciudad
nombre en la latina lengua,
llamándose Ulisibona,
cuyas armas son la esfera,
por pedestal de las llagas
que en la batalla sangrienta
al rey Don Alfonso Enríquez
dió la Majestad Inmensa.
Tiene en su gran Tarazana
diversas naves, y entre ellas
las naves de la conquista,
tan grandes, que, de la tierra
miradas, juzgan los hombres
que tocan en las estrellas.
Y lo que desta ciudad
te cuento por excelencia
es, que estando sus vecinos
comiendo, desde las mesas
ven los copos del pescado
que junto á sus puertas pescan,
que, bullendo entre las redes,
vienen á entrarse por ellas.
Y sobre todo á el llegar
cada tarde á su ribera
más de mil barcos cargados

de mercancías diversas,
y de sustento ordinario:
pan, aceite, vino e leña,
frutas de infinita suerte,
nieve de Serra de Estrella
que por las calles á gritos,
puestas sobre las cabezas,
la venden. Mas, que me canso?
porque es contar las estrellas
querer contar una parte
de la ciudad opulenta.
Ciento y trinta mil vecinos
tiene, gran señor, por cuenta,
y por no cansarte más,
un Rey que tus manos besa.
. . . . . .
. . . . . .

El Burlador de Sevilla y Convidado de piedra. *Comedia famosa del maestro Tirso de Molina.* Jornada primeira. Scena xiv. *Clasicos Castellanos. Ediciones de «La Lectura.» Madrid, 1910.*

PQ
6436
S68

Sousa Pinto, Manoel de
Portugal e as portuguezas
em Tirso de Molina

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 13 06 14 023 3